



PINGUELLI
Defensor da
Ciência e da
democracia,
fundador da
AdUFRJ e do
Andes, nosso
mestre nos deixou
em 3 de março
Página 8



ASSEMBLEIA DOS PROFESSORES DA UFRJ VAI DECIDIR NO DIA 18 SE CATEGORIA ADERE OU NÃO À GREVE POR TEMPO INDETERMINADO. SAIBA COMO PARTICIPAR

Páginas 6 e 7



FERNANDO SOUZA

A LUTA PELA PAZ É FEMININA

NA FOTO,
a pequena Helena
Teixeira, de quatro
meses, ao lado da
mãe Mariana Azeredo,
professora de
Geografia

O Dia Internacional da Mulher ocupou as ruas e redes com as cores e bandeiras de um mundo melhor, sem machismo e com respeito. A AdUFRJ levou para o Centro do Rio sua tradicional bandeira de cetim e realizou importante debate sobre os desafios da participação feminina na universidade

Páginas 3, 4 e 5

EDITORIAL

CAR@ COLEGA,

DIRETORIA

N a próxima sexta-feira (18), teremos assembleia de professores da UFRJ para decidir se aderimos ou não à greve por tempo indeterminado do funcionalismo público federal, marcada para 23 de março. A reivindicação é uma reposição salarial de 19,99%, referente a perdas acumuladas nos três anos de governo Bolsonaro. O Andes já aprovou a proposta de greve feita pelos dois fóruns nacionais de servidores públicos que comandam a campanha — Fonasefe e Fonacate — e agora as seções sindicais vão debater e decidir a questão. A direção da AdUFRJ convoca todos os docentes — sindicalizados ou não — para a assembleia do dia 18, e reafirma que é contra a greve por tempo indeterminado neste momento, posição que vai defender no encontro. E por que contra a greve?

Estamos em pleno período de férias acadêmicas, aguardando o tão esperado retorno às aulas presenciais, suspensas na pandemia de covid-19. O ensino remoto trouxe desgastes físicos, psicológicos e simbólicos que prejudicaram a nossa capacidade de mobilização, assim como o engajamento dos alunos. O sentimento geral da comunidade universitária é de cansaço, desgaste e fragilidade. Qual seria a eficácia de uma greve por tempo indeterminado nesse cenário, com a universidade vazia? Ademais, a possibilidade de trabalhar de casa enquanto outros precisavam se arriscar nos transportes públicos para, com sorte, manterem seus empregos, dificulta nossa relação com os demais setores.

Na própria plenária virtual do Setor das Instituições Federais de Ensino (Ifes) do Andes, em 22 de fevereiro, muitas seções sindicais relataram dificuldades de mobilização de suas bases para a greve em um contexto de férias, e falaram sobre o possível desgaste junto à sociedade em virtude do ensino remoto, apesar do intenso trabalho dos docentes ao longo de toda a pandemia. A direção da AdUFRJ concorda com a pauta salarial, mas entende que há outras formas de mobilização que podem estimular os estudantes e a sociedade em geral a serem a favor do movimento. E não contra ele. A AdUFRJ vai participar da mobilização nacional do dia 16 de Março. Estamos organizando uma série de ações, como projeções em prédios espalhados pela cidade para reforçar a campanha salarial, e vamos convocar os docentes para as atividades propostas pelo Andes.

Para enriquecer esse debate, o **Jornal da AdUFRJ** abre espaço para que docentes contra e a favor da paralisação por tempo indeterminado sustentem seus pontos de vista. Ex-presidente da AdUFRJ, a professora Eleonora Ziller, da Faculdade de Letras, entende que a pior opção de mobilização será suspender as atividades por tempo indeterminado em plenas férias acadêmicas. Já o professor Jorge Ricardo Gonçalves, da Faculdade de Educação, considera que a greve faz parte de um grande esforço conjunto para pressionar o governo a repor o valor de nossas perdas salariais. Confira os artigos e os detalhes da assembleia do dia 18 nas páginas 6 e 7.

Também nesta edição, trazemos um rico material sobre o Dia Internacional da Mulher, 8 de março, quando redes e ruas ficaram cheias de cores por um mundo melhor, sem machismo e

REITORIA ANUNCIA MEDIDAS PARA RETORNO PLENO EM ABRIL

■ A universidade continua trabalhando para o retorno presencial pleno a partir do próximo período letivo, com início marcado para 11 de abril. No último Consuni, realizado dia 10, o pró-reitor de Finanças, professor Eduardo Raupp, anunciou a distribuição de R\$ 5,5 milhões para centros e unidades executarem serviços e investimentos, com prazo de empenho até 30 de abril. O campus de Duque de Caxias receberá R\$ 350 mil. Já o CCS será contemplado com R\$ 1,05 milhão. O pró-reitor de Governança, André Esteves, informou que o restaurante universitário do CT deve reabrir em 14 de março. A distribuição de refeições na Praia Vermelha, Letras, Duque de Caxias e Centro volta em 4 de abril.



FERNANDO SOUZA



da tarde, levamos nossa imensa e tradicional bandeira de cetim para o Centro do Rio. Com o atualíssimo lema “A luta pela Paz é Feminina”, foi lindo ver meninas correndo sobre nosso tapete de esperança. As fotos e reportagens estão nas páginas 3, 4 e 5.

Por fim, na página 8, nossa homenagem ao professor Luiz Pinguelli Rosa, falecido no último dia 3. Referência acadêmica e sindical, Pinguelli era professor emérito da UFRJ, um dos maiores nomes da Ciência e da Tecnologia do país, e sempre foi uma voz potente em favor da democracia. Fundador e primeiro presidente da AdUFRJ (1979-1981), Pinguelli foi também fundador do Andes, do qual foi o segundo presidente (1982-1984). A ele, nossa saudade e nossas reverências. Pinguelli, presente! Boa leitura!

MÁSCARAS CONTINUARÃO OBRIGATORIAS EM LOCAIS FECHADOS

■ O uso de máscaras deve permanecer obrigatório nos ambientes fechados da universidade. Já em espaços abertos sem aglomeração, o uso pode ser liberado. A recomendação é do Grupo de Trabalho Multidisciplinar de Enfrentamento à Covid-19 da UFRJ (GT-Coronavírus), em nota técnica divulgada no último dia 7. Em documento anterior, datado de 18 de fevereiro, o grupo de trabalho já havia destacado que “a utilização das instalações da UFRJ deve respeitar seus limites de espaço, sem a necessidade de adotar distanciamento físico entre os ocupantes. Em complemento, deve-se promover as boas práticas de limpeza destas instalações e buscar oferecer esquemas de ventilação adequados”.



CONVÊNIOS

■ Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

RIO DE JANEIRO



MAPLE BEAR TIJUCA



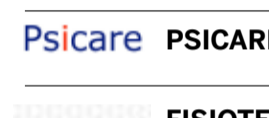
MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC



PSICARE PSICARE



FISIOTERAPIA RJ LTDA



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR



MAIS FITNESS ACADEMIA



CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA



INSPIRE ENERGIA SOLAR



POR NÓS, POR ELAS, POR NOSSAS ALUNAS E PROFESSORAS

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

DIVERSIDADE. Assim, em negrito e letras maiúsculas, é a palavra que traduz a passeata de 8 de março, Dia Internacional da Mulher, no Centro do Rio. Negras, brancas, indígenas, trabalhadoras e estudantes, mães, filhas, avós foram para a rua no primeiro grande ato feminista desde o início da pandemia. Ali, atrás da Candelária, e sobre o asfalto da Rio Branco, elas eram muitas e sob um mesmo sonho: o de um mundo melhor, menos desigual e mais inclusivo.

Representações docentes das universidades públicas do Rio

participaram do ato. A AdUFRJ também estava presente com sua antiga e enorme bandeira de cetim, com os dizeres “A luta pela paz é Feminina” – tema, aliás, mais atual do que nunca. “Vimos gritos de indignação que ecoam desde o caso Marielle, lutadora pelos direitos das mulheres e cidadãos massacrados pelo sistema perverso que furta a dignidade humana, até a violência de uma guerra em que vemos mães ucranianas desesperadas para protegerem seus filhos”, observou a professora Nedir do Espírito Santo, diretora da seção sindical. Para a professora, o ofício de ensinar também precisa ser transmitido

nas ruas. “Não basta falarmos de indignação entre quatro paredes. Temos que ir para as ruas e a AdUFRJ tem que estar presente nesses movimentos”, afirmou. Ensinar também é ofício materno. A marcha das mulheres foi momento de mostrar às novas gerações que elas podem ser o que quiserem. Renata Gracie, pesquisadora da Fiocruz, levou sua filha Laura, de 10 anos, para a atividade. “Apesar de toda a situação triste do nosso país, participar do ato foi uma recarga de energia muito forte e ter minha filha junto teve um sentido pedagógico muito bonito”, disse. “Ela ficou muito feliz por

participar e pelos reencontros”

Ex-presidente da AdUFRJ, a professora Eleonora Ziller também se emocionou com a marcha. “Este ato nos mostra que estamos dispostas para a luta”, afirmou. “Estou superemocionada, feliz, carregando junto a bandeira da AdUFRJ”. Eleonora foi uma das pessoas que segurou, junto com a professora Nedir, o bandeirão de 9,5 metros de comprimento por 7 metros de largura da seção sindical. Durante o percurso, outras mulheres e alguns homens se revezaram na tarefa de levar a mensagem da AdUFRJ até a frente do Theatro Municipal.

Dentre tantos gritos, o de

igualdade e pela vida de todas as mulheres. “Parte de nós sequer é lida como mulher. E, portanto, sequer tratada como sujeito de direitos”, observou a jornalista Camila Marins, ativista do movimento de mulheres lésbicas. “Temos muitas lutas: o combate ao estupro corretivo (crime, tipificado em lei, direcionado a “curar” a orientação sexual de pessoas da comunidade LGBTQIA+), a luta contra as violências doméstica e policial e por políticas de saúde para mulheres lésbicas, já que muitas não têm acesso ao preventivo pelo fato de não terem relação com homens. O que é um completo absurdo”, criticou.

FOTOS: FERNANDO SOUZA



■ A AdUFRJ estava representada na Marcha das Mulheres, no dia 8. A tradicional bandeira branca foi acompanhada pelo bandeirão de quase dez metros de comprimento com a frase “A luta pela paz é feminina”. As professoras Nedir do Espírito Santo, diretora do sindicato, e Eleonora Ziller, ex-presidente (acima) participaram de toda a manifestação.

A passeata contou com a alegria, a pureza e o encanto de crianças de todas as idades. Elas próprias, mensagens de esperança num futuro melhor





FOTOS: FERNANDO SOUZA

QUEREMOS MAIS!

Professoras, estudantes e técnicas celebram as vitórias da longa luta por mais espaço e menos preconceito, mas destacam que é urgente avançar e ampliar o poder feminino

ESTELA MAGALHÃES RIBEIRO
comunica@adufrj.org.br

Estamos por toda parte, mas queremos mais. Mais espaço, mais poder, mais respeito. Precisamos de mulheres na ciência, na política, na arte, na academia, na UFRJ. Em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, o **Jornal da AdUFRJ** entrevistou professoras, estudantes e técnicas das mais diversas áreas. Todas destacam a importância da representatividade feminina para a inspiração de outras mulheres e meninas, mas que seja principalmente uma representação de ideais. “A universidade é um espaço de reflexão, discussão e constante formação. A mulher precisa ter a oportunidade de trilhar diferentes caminhos, não pode ter a porta fechada se tem competência”, sustenta Nedir do Espírito Santo, diretora da AdUFRJ e professora do Instituto de Matemática. “Que ‘mulher’ seja um termo que não nos limite e abra diferentes horizontes de expectativa para nós”, completa a professora de Ciência Política e vice-presidente da AdUFRJ, Mayra Goulart. A seguir, os depoimentos de inspiradoras cidadãs que trabalham, estudam e pesquisam na universidade.

PROFESSORAS DE INCLUSÃO
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
#8M DIA INTERNACIONAL DA MULHER AdUFRJ

PROFESSORAS DE LIBERDADE
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
#8M DIA INTERNACIONAL DA MULHER AdUFRJ

PROFESSORAS DE DIVERSIDADE
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
#8M DIA INTERNACIONAL DA MULHER AdUFRJ

PROFESSORAS DE FEMINISMO
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
#8M DIA INTERNACIONAL DA MULHER AdUFRJ

PROFESSORAS DE CIDADANIA
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
#8M DIA INTERNACIONAL DA MULHER AdUFRJ

MAYRA GOULART
VICE-PRESIDENTE DA ADUFRJ
Temos que buscar alternativas que garantam a possibilidade de que as mulheres escolham ao que elas vão se dedicar e, se elas quiserem se dedicar às funções do cuidado, que elas possam e sejam suportadas para que isso não atrapalhe sua vida profissional. Ou aquelas mulheres que desejam se dedicar apenas à vida profissional, que não sejam julgadas por não ter a parte do cuidado dos filhos. Que ‘mulher’ seja um termo que não nos limite e abra diferentes horizontes de expectativa para nós.

LIGIA BAHIA
VICE-PRESIDENTE REGIONAL DA SBPC, PROFESSORA DO IESC - UFRJ
As mulheres são especialistas em cuidados, desde os cuidados básicos até o cuidado do transplante, da pesquisa de células-tronco, da Engenharia Genética, do desenvolvimento de medicamentos e vacinas. Nós estamos envolvidas em todas essas áreas, mas somos sempre minoria. Nunca estamos envolvidas devidamente com todo o potencial que o mundo tem para oferecer.

VIVIAN MIRANDA
PROFESSORA DE ASTROFÍSICA NA STONY BROOK UNIVERSITY
Eu nunca vou esquecer de quando recebi de um comitê de um concurso no Brasil que eu assumi a banca e que, para passar, tinha que ser “menos trans e mais física”. Sendo que a única coisa que pedi no concurso foi que respeitassem meu nome social e eu fui vestida como sempre vou. Então o que seria menos trans e mais física? Seria eu não usar o meu nome social? Eu me vestir de homem?

HELOÍSA BUARQUE DE HOLLANDA
PROFESSORA EMÉRITA DA UFRJ
A Universidade das Quebradas (UQ) é um programa de troca de saberes entre a academia e a periferia. A gente tenta romper essa barreira, e o primeiro passo é o contato. Com a pandemia, as Mulheres nas Quebradas se juntaram e formaram o coletivo Muque, com o objetivo de transmitir conhecimento e contar suas histórias de um jeito bem língua solta. Confesso que esqueci da UQ totalmente e me apaixonei pelas mulheres. Elas falam baseadas na importância da UFRJ, só a ideia de estar invadindo a universidade e falando ali dentro já faz uma diferença muito grande no reconhecimento do que elas têm a dizer.

NEDIR DO ESPIRITO SANTO
DIRETORA DA ADUFRJ
O Instituto de Matemática tem professores de muitas nacionalidades diferentes, no meu departamento temos uma boa diversidade, mas mesmo assim não temos uma quantidade expressiva de negros. Ao contrário, eu sou a única professora negra e recentemente entrou mais um professor negro. Isso é muito preocupante, especialmente numa sociedade que a gente tem um percentual bem maior de negros. É muito importante que isso esteja sendo conversado e discutido.

PROFESSORAS DE MOBILIZAÇÃO
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
#8M DIA INTERNACIONAL DA MULHER AdUFRJ

PROFESSORAS DE RESISTÊNCIA
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
#8M DIA INTERNACIONAL DA MULHER AdUFRJ

PROFESSORAS DE RESILIÊNCIA
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
#8M DIA INTERNACIONAL DA MULHER AdUFRJ

PROFESSORAS DE IGUALDADE
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
Elas lutam e exigem que as mulheres devam ocupar mais e mais espaços. Nos universitários, na UFRJ, nos parliamentos, governos, empresas, na política, na arte e na vida.
#8M DIA INTERNACIONAL DA MULHER AdUFRJ

JÚLIA VILHENA
COORDENADORA DO SINTUFRJ
Quando a gente do movimento estudantil recebe alguma crítica, se você é mulher, muitas vezes isso não vai ser no formato da disputa política, mas vem na desvalorização do que você está dizendo, desmerecimento da sua posição naquele espaço político. Este mês representa a intensificação desse debate, mas no fim das contas os principais motivos que afetam as mulheres estão sempre no cotidiano. A representatividade importa além do simbólico, vai para uma prática de compromisso com a construção cotidiana das lutas pelos direitos das mulheres.

NOEMI DE ANDRADE
DIRETORA DO SINTUFRJ
Na direção e no corpo profissional do sindicato as mulheres são maioria, então temos todo um olhar diferenciado para a questão das mulheres, do âmbito do cuidado e da proteção, de você estar bem segura no teu local de trabalho com todas as garantias.

SABRINA BAPTISTA FERREIRA
PROFESSORA DA UFRJ E EMBAIXADORA DO PARENT IN SCIENCE
O trabalho das terceirizadas na UFRJ é uma extensão da sua casa, porque elas saem de casa e lavam e limpam o tempo inteiro. É importante que o terceirizado tenha uma importância significativa para as gestões que estão na reitoria. Atender as necessidades dos terceirizados, investigar denúncias com seriedade, cobrar dignidade da empresa contratada. Respeitam muito os servidores, estudantes, técnicos. Falta respeitar a categoria que mantém a universidade funcionando: os terceirizados.

WALDINEA NASCIMENTO
DIRETORA DA ADUFRJ
As gravagens acontecerão nas cidades dessas personagens: Belém, Recife, Rio de Janeiro e Salvador. “São pesquisadoras que enfrentam os desafios e as delícias de ser mulher e fazer Ciência. A ideia é que a gente traga trajetórias distintas, corpos distintos, mas que se encontram na produção do conhecimento”, afirma a *social media* do Observatório, Andressa Oliveira. “O objetivo do documentário é mais do que valorizar as mulheres que já são cientistas. É mostrar que ser cientista é possível, mesmo

quando existem obstáculos estruturais”, analisa a professora Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ. “Queremos estimular jovens mulheres que não veem a Ciência como lugar para elas”. O filme tem a produção do Observatório do Conhecimento, com direção de Rithyele Dantas, e faz parte da campanha “Elas na Ciência”.

JOANA GUIMARÃES
Reitora da UFSB
Quando as mulheres de classe média estavam lutando pelo sufrágio universal, as mulheres negras estavam nas cozinhas, lavando roupa, lutando pela sobrevivência. A luta pelo voto feminino foi muito importante, mas era muito distante da realidade das mulheres negras naquele momento. Muitas delas estavam trabalhando para garantir que as mulheres da classe média pudessem lutar pelo sufrágio.

DENISE PIRES DE CARVALHO
Reitora da UFRJ
É a educação que retira as amarras do silenciamento. Precisamos ampliar o acesso à educação e cultura. Não podemos admitir que nossas alunas e alunos não consigam terminar seus cursos por questões socioeconômicas. É preciso garantir políticas de acesso e permanência. O ensino superior é um caminho para a mobilidade social no nosso país tão assustadoramente desigual.

#8M DIA INTERNACIONAL DA MULHER AdUFRJ UMA HOMENAGEM DA

#8M DIA INTERNACIONAL DA MULHER AdUFRJ UMA HOMENAGEM DA

“Eu morro de fome, mas meus filhos não saem da escola”

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

A AdUFRJ promoveu a live “Elas inspiram” na manhã do dia 8 de Março, um bate-papo entre as diretoras do sindicato e as reitoras Denise Pires de Carvalho, da UFRJ, e Joana Guimarães, da Federal do Sul da Bahia. O evento marcou as comemorações pelo Dia Internacional da Mulher e foi transmitido pelos canais da seção sindical no Youtube e no Facebook. As diretoras Karine Verdoorn, Eleonora Kurtenbach, Nedir do Espírito Santo e Ana Lúcia Fernandes foram as mediadoras e entrevistadoras da live e conduziram a conversa por assuntos como igualdade de gênero, inclusão, vida acadêmica, desafios das universidades, entre outros temas. Primeiras pessoas de suas famílias a ingressarem num curso de nível superior, as duas reitoras deram depoimentos tocantes sobre a transformação e mobilidade social proporcionadas pelo acesso à universidade. “Vivíamos no interior da Bahia e um dia minha mãe resolveu ir para a cidade para

que seus seis filhos estudassem”, contou a reitora Joana Guimarães. “Meus pais não puderam estudar e passamos muitas dificuldades porque meu pai era um homem da lavoura. Um dia ele disse para minha mãe: ‘Vamos voltar para a roça. Lá, pelo menos, a gente tem o que comer’”, lembrou a reitora Denise. “Minha mãe, então, respondeu: ‘Não vamos voltar para a roça. Eu morro de fome, mas meus filhos não saem da escola’”, disse, emocionada. A reitora da UFRJ lembrou que seu pai era seu maior incentivador. “Também sou a primeira pessoa da minha família a ingressar e me formar numa universidade e meu pai sempre me dizia que a educação é a melhor herança que se pode deixar para um filho. Foi isso que eu fiz com as minhas filhas”, disse a professora. “A gente não pode abandonar os nossos sonhos. Nossas famílias viram o poder transformador da educação. É preciso que todas, todos e todes tenham oportunidade de escolha na nossa sociedade. É a educação que retira as amarras do silenciamento”, afirmou a reitora. Pesquisadoras de carreira re-

DOCUMENTÁRIO SOBRE MULHERES CIENTISTAS

Para encerrar as comemorações pelo Mês da Mulher, o Observatório do Conhecimento – rede de nove associações e sindicatos docentes, dentre os quais a AdUFRJ – vai lançar no final de março um documentário que conta a história de quatro mulheres cien-

tistas. As gravagens acontecerão nas cidades dessas personagens: Belém, Recife, Rio de Janeiro e Salvador. “São pesquisadoras que enfrentam os desafios e as delícias de ser mulher e fazer Ciência. A ideia é que a gente traga trajetórias distintas, corpos



ADUFRJ CONVOCA ASSEMBLEIA PARA DELIBERAR SOBRE A GREVE

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

A diretoria da AdUFRJ marcou uma assembleia geral dos professores para o dia 18 de março, às 10h. Docentes não filiados ao sindicato também poderão participar e votar (veja detalhes na página 7). A pauta é a decisão sobre a adesão ou não à greve por tempo indeterminado marcada para 23 de março — cujo indicativo foi aprovado pelo Andes — dentro da campanha salarial dos servidores públicos federais. A assembleia será remota, por meio da plataforma Zoom (com link enviado por e-mail), e a votação será feita pelo Sistema Helios, muito utilizado na UFRJ. A diretoria do sindicato é contrária à greve, e

considera que este não é o momento de paralisar por tempo indeterminado as atividades docentes na UFRJ.

Para o presidente da AdUFRJ, professor João Torres, é preciso levar em consideração o longo período em que a universidade manteve aulas remotas por causa da pandemia de covid-19. “Ficamos dois anos fisicamente afastados, e na hora de voltar surge essa proposta de greve? Como conseguir assim o apoio da comunidade universitária e, principalmente, da sociedade em uma luta justa como a da campanha salarial?”, questionou João.

A proposta de greve se insere na campanha por recomposição salarial do funcionalismo público, que reivindica um reajuste de 19,99%, o equivalente às perdas durante o governo Bolsonaro.

“A reivindicação é justíssima. Além dos salários defasados, há

também os cortes no orçamento das universidades, que asfixiam as instituições. É uma onda muito grave de ataques à Educação, mas entendo que uma greve por tempo indeterminado não é a melhor estratégia para enfrentar essa situação”, defendeu João. Ele reiterou que a intenção da diretoria do sindicato é que a AdUFRJ participe da campanha, mesmo sem aderir à greve. “Vamos promover ações de mobilização, como o Universidade na Praça, por exemplo, para dar visibilidade ao trabalho dos professores e mostrar para a sociedade que a nossa luta é justa”, explicou.

O professor emérito Ricardo Medronho, diretor da AdUFRJ, também é contra a greve no atual momento. Não só pela volta às aulas presenciais, em 11 de abril, mas pelo curto prazo que há para negociação. A legislação proíbe o aumento do salário de servidores a menos de seis me-

ses da eleição (o prazo se encerra em 2 de abril). “O problema é o timing. Perdemos o momento adequado para a construção de uma greve unificada”, explicou Ricardo. “Se começarmos a greve no dia 23, serão menos de 15 dias para abrir a negociação com o governo, um prazo que não seria factível com qualquer que fosse o governo, imagina com Bolsonaro?”

Na opinião do professor, a decisão de começar uma greve reivindicando um reajuste, mas sem tempo hábil para que ele seja concedido, interrompendo o retorno presencial, pode afastar a possibilidade de apoio da sociedade. “É uma completa falta de bom senso começar neste momento, depois de dois anos trabalhando de casa. Muito, mas de casa. Diante de uma sociedade que sofreu duríssimas consequências por causa da pandemia, como vamos justificar isso?”, questionou Ricardo.

Já para Luis Acosta, professor da Escola de Serviço Social e ex-diretor da AdUFRJ, o momento é oportuno para a construção de um movimento nacional do funcionalismo. “Quando Bolsonaro prometeu o reajuste para

segmentos específicos, abriu a janela de oportunidade para pleitearmos o aumento. Estamos tendo perdas salariais significativas, então é importante pressionar o governo”, disse. O professor defendeu também que a assembleia seja um espaço de construção da luta: “Minha proposta para a assembleia é avaliar e, em função disso, decidir quais serão as melhores formas de luta para alcançar nossos objetivos. Deflagrar uma greve é uma das possibilidades”. Para Acosta, uma eventual paralisação não significa ficar de braços cruzados. “A greve não é um momento de esvaziamento da universidade, mas sim parte da mobilização da categoria para ir para as ruas”, explicou.

O **Jornal da AdUFRJ** abre suas páginas para esse debate, com artigos de dois professores com opiniões distintas. A professora Eleonora Ziller, ex-presidente do sindicato, é contrária à paralisação. Já o professor Jorge Ricardo Gonçalves, da Faculdade de Educação, é a favor. O debate começa aqui, mas a decisão vai ser tomada na assembleia, onde a participação de todos os professores é fundamental.

Artigo

ELEONORA ZILLER

Professora da Faculdade de Letras e ex-presidente da AdUFRJ

É GREVE?

Neste mês de março, completo 40 anos de UFRJ. Sim, me espantei. Caloura da Letras, em 1982, estudei num prédio que era provisório há 14 anos, na Avenida Chile. Nos estertores da ditadura, o cenário era de baixos salários, entulho autoritário, estrangulamento orçamentário... Mas havia muita esperança no ar. Nos primeiros anos da AdUFRJ e da Andes (quando não nos era permitido construir um sindicato), importantes vitórias tinham sido alcançadas, principalmente em relação à carreira.

Em 1984, a primeira grande greve me fez conhecer a UFRJ. A emoção de entrar pela primeira vez no auditório lotado do CT, para assistir a uma assembleia docente, ainda está muito viva na minha memória. Pelo menos 800 pessoas estavam ali. E, ainda, descobri que o Museu Nacional (que amava desde criança) era nosso: a primeira “Universidade na Praça” a gente nunca esquece.

As lutas, os sonhos, a dedicação de tantas pessoas, foi dessa matéria que se construiu a universidade que temos hoje. Carreira, eleições, dotação orçamentária e, mais que tudo, a gratuidade do ensino público e a autonomia universitária foram conquistas de um movimento que teve seu ápice na elaboração da Constituição de 1988. Trinta e quatro anos nos separaram da grande caravana que partiu do campus do Fundão com centenas de professores, estudantes e funcionários. Acampados em Brasília, ajudamos a

escrever o artigo 207, que ultimamente nos tem salvado das mais terríveis ameaçadas deste desgoverno federal.

Na década de 1990, a chamada Fernandécada (expressão do saudoso professor Carlos Lessa, referindo-se ao Collor e ao FHC) e a privatização tucana nos feriram de morte, mas uma poderosa rede de resistência impediu que nos desmontassem por completo. Mas aquela poderosa aliança, que unira a todos, já não se apresentava da mesma forma. O exemplo maior, na UFRJ, dessa fratura, foi a nomeação do Vilhena para reitor.

A reforma da Previdência de 1998 foi outra devastação, precipitou a saída de uma grande quantidade de docentes. A grande mobilização da década de 1980 cederá lugar a uma espécie de “cultura de greve”, onde uma boa parte já não participava de sua construção, mas passivamente aprovava, diante da difícil situação em que nos encontrávamos. Arrastavam-se por semanas, meses, à espera de uma porta de negociação com o governo. O tempo foi nosso inimigo. As relações internas começaram a se desgastar, os espaços coletivos de deliberação foram se esvaziando e uma militância aguerrida e determinada passou a ocupar quase que sozinha os fóruns de decisão da categoria. Valeria uma detalhada avaliação de todo esse processo, principalmente a partir de 2003, quando as divergências se agudizaram com a reforma da Previdência protagonizada pelo governo Lula. Mas não há espaço aqui para rever todo esse processo. O fato é que chegamos a uma situação limite em 2015, quando um grupo muito grande e significativo de professores se organizou para dar um

fim a essa “cultura”.

Sempre existiu, e eu me incluo nesse grupo, uma parte do movimento docente que não se identificava com os métodos e as propostas encaminhadas pelo Andes, sindicato nacional. Longas greves, corredores vazios, passeatas pequenas. Há décadas, posso dizer assim, defendo uma forma diferente de intervenção. Nós tínhamos força quando nosso movimento expressava uma ampla e sólida unidade interna. Ao longo dos anos, fomos nos distanciando de nós mesmos e da sociedade, cada vez mais fechados num enfrentamento corporativo, embora o discurso se radicalizasse para declarar o compromisso classista do sindicato nacional. A militância aguerrida e revolucionária se acostumou a falar para ela mesma, e hoje, esfacelada em pequenos grupos, mal se escuta. Sem retaguarda consistente, com baixos quóruns em assembleias e eleições sindicais, o movimento docente precisa encontrar novamente seu caminho de diálogo e representação da maioria da sua categoria.

Nunca fomos atacados de forma tão sistemática e institucional. É urgente lutar e enfrentar essa onda negacionista, fundamentalista e ultraconservadora. Disso depende a nossa sobrevivência. A mim, me parece esgotado e pouco eficiente o modelo de greve por tempo indeterminado, nos moldes das que ocorreram nos últimos 20 anos, ainda mais com um desgoverno em fim de mandato como esse. Precisamos de forte presença coletiva, de unidade interna, de vontade de mudança.

O que nos unifica? O que nos mobiliza? Como sairemos às ruas? Depois de dois



anos em ambiente remoto devemos ter quase metade dos estudantes que nunca pisaram no campus, que não conhecem a vida universitária, que nunca nos encontraram nos corredores. Que vínculos foram criados com os novos professores, que também mal conseguiram pisar numa sala de aula? Além da exaustão, ainda temos um calendário de mobilizações que se desenvolverá em pleno período de recesso acadêmico. Por tudo isso, e muito mais que não cabe nessas linhas, acho que a nossa pior opção será suspender as atividades por tempo indeterminado em plenas férias acadêmicas. Não nos faltam razões para isso, elas existem e são muitas. Mas é que não vejo, nesse momento que atravessamos, rebeldia maior do que fazer a nossa UFRJ funcionar a todo vapor, para desespero dos governantes de plantão. Isso não pode significar inércia ou conformismo. As velhas “novas formas de lutas” nunca foram tão necessárias. Ou, como nos versos daquela canção, “as lições nós sabemos de cor, só nos resta aprender...”

Seja lá qual for a nossa decisão, ela só será forte e significativa se for unitária, se envolver a maioria dos professores numa participação ativa e decisiva. Assim, se será uma greve ou uma paralisação, se será de um dia ou por tempo indeterminado, isso tudo é secundário. O que precisamos é que seja representativa, que rompa o círculo vicioso que nos jogou em sucessivas experiências que nos dividiram e que afastaram das assembleias a maioria dos docentes.

Artigo

JORGE RICARDO GONÇALVES

Professor da Faculdade de Educação

ALÔ, ALÔ, GERAL!

Tudo bem com os companheiros e as companheiras? Talvez não como gostaríamos, mas melhor agora do que há um tempo atrás, não é mesmo?

Venho falar agora de algo muito sério — a nossa situação profissional. Estamos há dois anos encurralados em casa, alguns de nós tendo adoecido, até mesmo perdido entes queridos.

E quando vemos a luz no fim do túnel da pandemia e olhamos à nossa volta, com que situação nos deparamos? Uma inflação altíssima, causada em parte pela pandemia, pela incapacidade do desgoverno federal atual, e já no início da inflação mundial, fruto da guerra insana que está começando. Ou seja: nosso salário, há cinco anos sem reajuste, encolhe cada vez mais. E a nossa querida universidade, como vai? A Arquitetura, a Belas Artes e a reitoria continuam desalojadas, sem espaço físico para as aulas agora “pre-



Pelo histórico recente, se não nos mexermos, nada conseguiremos, pois com este governo, até agora, só perdemos!”

senciais”. A Praia Vermelha está pior do que antes da pandemia, pois tem enorme déficit de salas de aula, e o “Aulário” — nome péssimo para a estrutura de contêineres instalada — está com sérios problemas de conservação. O mesmo acontece com algumas partes do IFCS. Isto para citar só algumas unidades com problemas infraestruturais.

E QUAIS SÃO AS PERSPECTIVAS DE APOIO DO MEC?

Pelo histórico recente, se não nos mexermos, nada conseguiremos, pois com este governo, até agora, só perdemos!

E na maior parte do funcionalismo público federal, a situação é a mesma, com exceção daqueles setores apoiados pelo presidente da República, como militares e policiais.

Por isso, os sindicatos dos diversos setores do funcionalismo público federal, incluindo os professores das outras universidades públicas federais, institutos federais de Educação, entre outros, estão



realizando um grande esforço conjunto para pressionar o governo a repor o valor das nossas perdas salariais e por condições de trabalho adequadas ao labor presencial.

Em vista de tudo isso, haverá este mês um dia nacional de mobilização com paralisação do trabalho dos servidores públicos federais, dia 16/03/2022. Será um dia de luta e de diálogo com a sociedade, já anunciando ao governo o movimento grevista que está por vir, a partir do dia 23/03/2022.

Para nós, da UFRJ, infelizmente marcamos a próxima assembleia do nosso sindicato para discussão destes fatos para depois do dia 16/03, dia da paralisação de 24 horas, somente para o dia 18/03, dois dias após.

Mesmo assim, que tenhamos uma assembleia geral forte e participativa, para decidirmos sobre a inserção da querida UFRJ nesse movimento de pressão pela conquista de nossos direitos!

A AdUFRJ CONVOCA TODOS OS DOCENTES PARA A

ASSEMBLEIA DE PROFESSORES

PAUTA:
GREVE POR TEMPO INDETERMINADO

18 DE MARÇO
ÀS 10H

Assembleia via ZOOM

PROFESSORES NÃO SINDICALIZADOS TAMBÉM PODEM PARTICIPAR E VOTAR

BASTA PREENCHER O FORMULÁRIO NO LINK:
bit.ly/assembleiaadufrrj18m

A VOTAÇÃO SERÁ PELO SISTEMA HELIOS

ÚLTIMOS REAJUSTES

Parcelas lineares:
5,5%
em agosto de 2016

5%
em janeiro de 2017

Reestruturação na carreira
Aumentos diferenciados entre os professores em três parcelas:
agosto de 2017, 2018 e 2019



CALENÁRIO

16/3
Dia Nacional de Mobilização, com paralisações e manifestações em todo o Brasil.
A AdUFRJ vai participar do Dia Nacional de Mobilização com diversas ações, entre elas projeções em paredes do Rio de Janeiro em defesa da universidade pública e gratuita.

18/3
Rodada de assembleias para definir a deflagração da greve

21/3
Reunião do setor de IFES (Andes)

23/3
Indicativo para o início da greve geral por tempo indeterminado, respeitando as especificidades de cada entidade

1º/4
Ato em Porto Alegre (40º Congresso do Andes)

“

A política é indissociável da universidade. A universidade não é pura academia, pura ciência, é um lugar crítico, onde se pensa sobre o que acontece.

PINGUELLI,
em entrevista à revista
Coppe 50 anos

SAUDADE